

**SEXUALIDADES
BRASILEIRAS:**
Práticas e Imaginários

**CIP - Brasil. Catalogação na Publicação.
Sindicato Nacional dos Editores de Livros, RJ.**

S713s

Souza, Ricardo Luiz de

Sexualidades brasileiras: práticas e imaginários / Ricardo Luiz de Souza; coordenação: Diamantino Fernandes Trindade). – 1ª ed. – São Paulo: Ícone, 2015.

304 p.; 17 cm. (Coleção Conhecimento e Vida).

Inclui bibliografia e índice.

ISBN 978-85-274-1251-3

1. Ciências Sociais. 2. Sexualidade. 3. Papel sexual na literatura. I. Trindade, Diamantino Fernandes. II. Título. III. Série.

13-07693

CDD-306
CDU: 316.7

Ricardo Luiz de Souza

**SEXUALIDADES
BRASILEIRAS:
Práticas e Imaginários**

COLEÇÃO CONHECIMENTO E VIDA

Coordenação
Diamantino Fernandes Trindade

1ª EDIÇÃO
SÃO PAULO - 2015

 **icone**
editora

© Copyright 2015
Ricardo Luiz de Souza
Direitos cedidos à Ícone Editora Ltda.
Coleção Conhecimento e Vida
Coordenação editorial
Diamantino Fernandes Trindade

Diagramação

Richard Veiga
Suely Danelon

Revisão

Juliana Biggi

Proibida a reprodução total ou parcial desta obra, de qualquer forma ou meio eletrônico, mecânico, inclusive por meio de processos xerográficos, sem permissão expressa do editor (Lei nº 9.610/98).

Todos os direitos reservados à:

ÍCONE EDITORA LTDA.

Rua Javaés, 589 – Bom Retiro

CEP 01130-010 – São Paulo – SP

Tel./Fax.: (11) 3392-7771

www.iconeeditora.com.br

iconevendas@iconeeditora.com.br

RICARDO LUIZ DE SOUZA

Pós-Doutor em História pela UNESP

Doutor em História pela UFMG

Mestre em sociologia pela UFMG

Professor do UNIFEMM – Centro Universitário de Sete Lagoas

Professor da FAMINAS – Faculdades de Minas

Autor das obras: *Identidade nacional e modernidade brasileira: o diálogo entre Silvío Romero, Euclides da Cunha, Câmara Cascudo e Gilberto Freyre*; *Identidade nacional, raça e autoritarismo: a Revolução de 1930 e a interpretação do Brasil*; *Nativismos: conflitos e pactos na América Portuguesa*;

Positivismo, monarquismo, autoritarismo, coronelismo, populismo: reflexões sobre política e história; Pensamento social brasileiro: de Raul Pompeia a Caio Prado Jr.; Ciência e otimismo: Comte, Bentham, Stuart Mill; Durkheim: direito, moral, conhecimento, religião.

Autor de mais de cinquenta artigos publicados em revistas acadêmicas.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO, 9

**PARTE I
PRÁTICAS, 15**

**CAPÍTULO 1
GILBERTO FREYRE E A “DEVASSIDÃO”
COLONIAL, 17**

Religião, sexo e festa, **42**

A mulher e o amor, **57**

A família: esposas e amasiadas, **76**

O corpo e o ato sexual, **88**

**CAPÍTULO 2
HOMOSSEXUALISMO E PROSTITUIÇÃO:
COMPORTAMENTOS DESVIANTES, 111**

Gays e lésbicas: punições e transações, **111**

A prostituição sob o signo da mulata, **121**

A prostituição sob o signo da europeia, **140**

A prostituição entre o médico e o policial, **151**

PARTE II
IMAGINÁRIOS, 167

CAPÍTULO 1

GREGÓRIO DE MATOS E BOCAGE, 169

O sofrimento e a fé, **169**

O prazer e a felicidade, **184**

CAPÍTULO 2

**ALUÍSIO AZEVEDO, JÚLIO RIBEIRO, ADOLFO
CAMINHA, DOMINGOS OLÍMPIO, 201**

Entre a anomalia e o amor conjugal, **201**

A mulher submissa e a mulher sem controle,
221

CAPÍTULO 3

NELSON RODRIGUES, 247

A pureza e a castidade, **247**

O sexo e o nojo, **260**

A culpa e a salvação, **275**

REFERÊNCIAS, 289

Os estudos sobre a sexualidade na historiografia brasileira tiveram um desenvolvimento relativamente tardio, podendo ser tomada como divisor de águas e como uma espécie de retomada desses estudos a coletânea intitulada *História e sexualidade no Brasil*, organizada por Ronaldo Vainfas em 1986. A partir daí foi efetuada uma série de estudos por historiadores como Margareth Rago, Mary Del Priore, Luciano Figueiredo, Luis Mott e o próprio Vainfas, entre outros, que abarcaram e esmiuçaram o campo temático da sexualidade brasileira.

Temas como o homossexualismo, a prostituição, as relações conjugais, o concubinato e diversos outros foram estudados a partir de então, havendo, contudo, um certo desequilíbrio temático que Rago (1995, p. 71) assinala:

Tudo indica que o homossexualismo, a prostituição, os prazeres solitários acabaram recebendo uma atenção maior por parte dos historiadores do que o amor heterossexual

e o casamento. Deste modo, ainda pouco sabemos sobre a maneira pela qual o prazer sexual nas relações conjugais heterossexuais foi problematizado.

De qualquer forma, estes temas foram reintroduzidos na historiografia brasileira, e mesmo estudos mais recentes de Mary Del Priore, por exemplo, lançaram uma nova luz sobre as relações conjugais. E se é utilizado o termo retomada é porque coube a Gilberto Freyre, com *Casa-grande & senzala*, a tentativa pioneira, na década de 1930, de compreender a sexualidade brasileira. Trata-se de livro, afinal, no qual esta sexualidade, embora estudada principalmente a partir da perspectiva do engenho, foi analisada de forma ampla, a partir das relações sexuais entre os senhores, entre senhores e escravas, sob a perspectiva da miscigenação e em suas dimensões homossexuais e heterossexuais. E embora tenham sido amplamente contestados a partir de então, os estudos freyreanos ainda são referência obrigatória em estudos sobre o tema.

A iniciativa pioneira de Gilberto Freyre gerou polêmica, mas, contudo, não ganhou continuidade, uma vez que, nas décadas seguintes, o tema sofreu um longo eclipse na historiografia brasileira, que preferiu dedicar-se ao estudo de temas políticos e socioeconômicos, pesquisando o desenvolvimento de estruturas da sociedade brasileira, mas deixando o cotidiano histórico da população relativamente à margem. Foi a partir da influência e do impacto gerados pela história das mentalidades e, mais tarde, pela micro-história, por um lado, e pela obra de Foucault, por outro, que a sexualidade, depois de um longo hiato, passou a fazer parte do horizonte temático dos historiadores

brasileiros, ao que tudo indica de forma definitiva, uma vez que ainda resta muito a ser conhecido a respeito.

Na presente obra, articulo os estudos sobre a sexualidade brasileira em duas partes. Na primeira parte, intitulada *Práticas*, estudo o tema a partir de suas práticas históricas, abrangendo um período que vai do Descobrimento às primeiras décadas do século XX. Tomando como ponto de partida a obra de Gilberto Freyre – que foi o ponto de partida dos estudos brasileiros sobre o tema – analiso o mito da “devassidão colonial”, buscando compreender como a vida sexual foi estruturada na América Portuguesa, tanto a partir da família e do concubinato quanto a partir da relação entre brancos, escravos e índios, ou seja, da relação sexual entre dominantes e dominados. Estudo ainda as transformações sexuais sofridas pela sexualidade brasileira no século XIX – período de valorização discursiva da relação conjugal, romântica e monogâmica – e, no século XX, período no qual tal relação sofreu o impacto da crescente urbanização e modernização da sociedade brasileira.

Estudo, igualmente, os “comportamentos desviantes” em relação à família conjugal – prostituição e homossexualismo, embora o conceito de desvio sexual seja bastante problemático, por pressupor uma normalidade e uma linha reta que simplesmente inexistem no terreno da sexualidade. Utilizo o termo, contudo, não por considerar tais comportamentos desviantes, mas para compreender como a sociedade brasileira os definiu e os situou como tais.

Na segunda parte, intitulada *Imaginários*, estudo o imaginário da sexualidade brasileira a partir de sua expressão

literária, enfocando-a em três momentos distintos, concernentes, respectivamente, ao período colonial, ao final do século XIX e à segunda metade do século XX. Trabalho, então, autores que refletiram em suas obras as mentalidades e ideias referentes à vida sexual tal como pensada e praticada no período histórico em que viveram.

Em relação ao período colonial, estudo as obras de Bocage e Gregório de Matos. Bocage, é bom lembrar, foi um autor português que passou pelo Rio de Janeiro, mas sequer chegou a viver na América Portuguesa. Sua obra, contudo, reflete o imaginário de sua época, que foi, também, o imaginário da sexualidade brasileira no período, e efetuar um estudo comparativo entre sua obra e a obra de Gregório de Matos é interessante por dois motivos:

1. Ambos foram, cada um a seu tempo, vistos como autores libertinos e como homens devassos, e compreender a “devassidão” de cada um ajuda a compreender determinados aspectos do imaginário sexual dos períodos no qual viveram.
2. Ambos escreveram longamente sobre suas vidas amorosas e sexuais e, fazendo isso, deixaram testemunhos valiosos a respeito da sexualidade de seu tempo de forma mais ampla. E Gregório de Matos, mais especificamente, refletiu, em seus poemas, as contradições, preconceitos e práticas sexuais vigentes no período colonial, pensando, por exemplo, a miscigenação, a relação entre dominantes e dominados e a atuação da Igreja e do clero no âmbito da sexualidade.

Já ao abordar as obras de Aluísio Azevedo, Júlio Ribeiro, Adolfo Caminha e Domingos Olímpio, estudo o chamado naturalismo e o olhar naturalista sobre a sexualidade brasileira do fim do século XIX. Trata-se de um olhar literário que também pretende ser científico, dentro dos cânones doutrinários da escola. E os autores naturalistas, ao pretenderem conhecer cientificamente a sexualidade brasileira, usando, para tal, um jargão científicista que abunda, por exemplo, na obra de Júlio Ribeiro, terminaram por refletir o imaginário da sexualidade de seu tempo, criando uma obra ao mesmo tempo inovadora e conservadora.

Já Nelson Rodrigues, a par do valor literário superlativo de sua obra, soube refletir as ideias, comportamentos e obsessões sexuais do brasileiro de seu tempo, vinculados a temas como virgindade, adultério e ciúme. Sua obra reflete estes temas de forma obsessiva e nos ajuda a compreender como o imaginário da sexualidade foi articulado a partir destes temas de forma igualmente obsessiva.

Articulando práticas e imaginários no estudo da sexualidade brasileira, pretendo, em síntese, demonstrar como, na realidade, o imaginário reflete a prática e ao mesmo tempo a determina, bem como, no final das contas, ambos se iluminam mutuamente.

PARTE I

PRÁTICAS

GILBERTO FREYRE E A “DEVASSIDÃO” COLONIAL

Publicada em 1964, *Dona Sinhá e o filho padre* é definida pelo autor como uma seminovela, ficando como sua única incursão no terreno da ficção. Nela é narrada a história de José Maria, seminarista que sua mãe, Dona Sinhá, encaminhara para a vida sacerdotal com o objetivo de pagar uma promessa e que morre antes de se formar sacerdote. E, nesta obra, são delineadas algumas das perspectivas fundamentais a partir das quais Gilberto Freyre analisa a sexualidade brasileira.

Freyre (1971, p. 34) descreve seu tema:

É a história de um menino que se não existiu fora de nós existiu dentro dos antepassados de alguns de nós e até ainda existe dentro de nós próprios: suas relações com a Mãe, com o tio, com a mãe preta que o criou

nos últimos tempos da escravidão, com a Mãe-d'água que lhe seduziu a imaginação de criança brasileira; a história da sua criação para padre, mesmo que lhe faltasse completa vocação para o sacerdócio. Por motivo de promessa religiosa.

A trajetória de José Maria simboliza, então, a trajetória do menino brasileiro em seu caminho para a vida adulta, mas o diferencia, por outro lado, da relação homossexual platônica, que jamais foi além de um beijo, desenvolvida entre ele e Paulo, seu amigo de infância. E José Maria é, também, uma espécie de antítese do autor, que sempre fez questão de proclamar sua brasilidade e seu vínculo com os cenários de sua infância, ao passo que é salientada a ausência de raízes que caracteriza o personagem, com Freyre (1971, p. 86) acentuando em relação a ele:

A verdade é que o massapé de Olindeta nunca prendera amorosamente a si os pés de menino tão esquivo. A areia das praias tampouco. Nem a lama da beira dos rios em que outros Josés, mais da terra do que ele, apanhavam guaiamuns, cantando e conversando safadeza uns com os outros. Nunca se sentira de terra alguma.

Freyre (1971, p. 39) acentua a relação

entre um José Maria inerte e um Paulo que de protetor apenas físico de um menino um tanto moço parece ter-se tornado um protetor também sentimental

desse menino um tanto moça, acrescentando à amizade um prazer um tanto proibido.

Mas o autor se preocupa, por outro lado, em “purificar” o vínculo homossexual existente entre os personagens, bem como em justificar a escolha do tema. Freyre (1971, p. 146), então, assinala:

Talvez seja o momento de, na arte como na convivência, tratar-se o indivíduo de meio-sexo como já se vem tratando, quase sempre, o indivíduo de meia-raça: como merecedor do respeito dos demais e como moralmente igual, em sua capacidade de ser isto ou aquilo, aos de sexo puro.

E acentua em relação a José Maria: “De modo algum era um lúbrico acanhado em pederasta passivo que servisse de mulher aos ativos” (1971, p. 85). Da mesma forma, ele acentua em relação a Paulo:

E na Oxford de Newman lembrou-se muito de José Maria, ao ver dois inglesinhos de beca em plena efusão de amizade amorosa que lhe pareceu, no melhor sentido da palavra, platônica. Platônica porém amorosa. Amizade amorosa pura: sem nenhuma canalhice. (1971, p. 117)

Mas, na vida sexual do personagem, esta foi a recordação mais marcante, o que Freyre (1971, p. 133) acentua em relação a Paulo: